O homem e a existência na literatura sapiencial

1. SABEDORIA É APRENDER A VIVER

Todo homem e mulher, na multiplicidade de suas experiências e no contacto com muitas coisas, sempre procurou descobrir a ordem das coisas, suas leis e suas significações com a finalidade de sustentar a sua existência neste mundo, livrando a vida dos perigos e assegurando-lhe felicidade.

A grande dinâmica que marca a vida do ser humano é sua constante tentativa de se descobrir e comandar o seu próprio destino.

O caminho que os homens e as mulheres possuem para conseguirem esta exigente tarefa é a *Sabedoria* (Pv 1,5).

A *Sabedoria* observa com atenção os acontecimentos (Pv 1,20-21), perscruta a multiplicidade das aparências (Pv 2,6-7), interpela a experiência de tal modo que o conhecimento dê à vida uma nova ordem (Pv 2,20-21).

A Sabedoria, diferentemente da filosofia grega, não busca o princípio que explica todos os fenômenos. Ela se interessa pela vida prática. A experiência do dia-a-dia é a base e o campo da Sabedoria. Sua tentativa fundamental é encontrar um melhor caminho na vida (Pv 3,1-2; 3,14-16; 4,11-13; 4,20-22; Sb 8,9-16)

1.1. Onde está, na Bíblia, esta sabedoria?

Nos Livros Sapienciais da Bíblia encontramos esta articulação entre vida e conhecimento que leva a uma vida melhor. Estes livros são cinco: Provérbios, Jó, Eclesiastes (Qohélet), Eclesiástico (Ben Sirac / Sirácida) e Sabedoria.

Provérbios e Eclesiástico refletem sobre muitas situações da vida concreta e procuram sempre o caminho da sabedoria. Jó e Eclesiastes trazem grandes afinidades ao se debaterem em torno de uma patética controvérsia sobre o sentido

da vida. O livro da Sabedoria apresenta uma nova chave de leitura da vida e da experiência de Israel nascida do contacto com a cultura grega.

1.2. A Sabedoria Humana

A tônica destes Livros Sapienciais constrói uma verdadeira antropologia e um autêntico humanismo, de um modo não científico e não sistemático.

* A questão básica é "a busca do homem e da mulher pelo conhecimento de si mesmos". Conhecer aqui é uma atividade onde se inclui o "agir", o "acreditar", o "rezar", o "amar". É uma atividade própria de toda pessoa que sabe manusear o tema da vida humana na sua grande riqueza imediata.

* A presença de Deus na totalidade da vida humana e a responsabilidade do homem e da mulher diante da vida e do mundo constituem a base do Humanismo dos livros sapienciais.

* O cosmo inteiro coopera para a humanização do homem e da mulher. A natureza está a serviço do ser humano; acolhendo-o, ensinando-lhe, encantando-o. Ora lembra-lhe seu limite, ora revela-lhe a grandeza da presença do Deus.

* A realização plena da vida das pessoas é a busca do bem e o afastamento do mal. Este caminho se faz buscando a Sabedoria que tem como ápice e raiz o *Temor de Deus* (Pv 1,7; 3,1-12).

1.3. O método da Sabedoria

Seu método é a experiência e a reflexão. A experiência da vida é o ponto de partida e a fonte.

Experiência e reflexão são entendidas como qualidades dinâmicas que produzem um alcance maior e fazem crescer a profundidade. Assim, o sábio quer saber sempre mais (Sb 7,1-5).

O fruto da sabedoria é sempre uma grande riqueza que se acumula e que sustenta a tradição e o ensinamento (Sb 8,10).

Para se conseguir a sabedoria é preciso pedi-la a Deus. Porém, Deus não se substitui ao esforço humano (Sb 8,32-36).

A Sabedoria se transmite de povo a povo, de geração a geração. A família e a ação catequética dos pais são meios eficazes desta circulação e transmissão. Na família e na escola, o sábio ensina, mostra, aconselha, inculca, adverte e exorta de modos diferentes.

1.4. Uma existência sem conflitos: a moral sapiencial

A doutrina sapiencial tem uma de suas fontes no Egito. Referia-se a uma moral de classe e à norma de vida dos funcionários do Faraó.

Era já uma promessa de doutrina para a vida andar por um caminho reto, ter prosperidade sobre a terra, manter o coração longe do mal , para não ser objeto de mesquinharias e ser louvado pelos homens cultos.

É deste modo que o velho sábio procura orientar o seu filho num comportamento que mantenha de modo correto a própria vida. Cai-se, no entanto, numa

medíocre moral utilitarista. A regra básica é não provocar excessos nem contradições. Isto retrata um caminho não muito conflitivo. A grande busca é a concordância.

Esta sabedoria que produz muitos frutos e muita satisfação pode atender a um ideal burguês-iluminado. Isto é, a idéia de que quem conhece a vida e sabe administrar as suas regras está livre de todo perigo. Esta concepção beira o determinismo. Determinismo que atinge até mesmo o próprio Deus.

1.5. Os conflitos na vida

Isaías se lança contra os sábios que, seguros de si, articulavam os seus planos políticos, e, em última análise, duvidavam da sabedoria de Deus. Sua auto-segurança era um fechamento em relação à sabedoria de Deus mesmo. Isaías reafirma que, na verdade, só Deus é sábio (Is 7,9; 30,15).

No pós-exílio, a doutrina profética vai se impor sobre a doutrina sapiencial da retribuição e sobre a segurança dos sábios.

A questão gira em torno da concepção sapiencial da vida que nutre a inveja, o orgulho e a auto-suficiência diante de Deus. Mas isto não impede que muitos elementos da doutrina sapiencial sejam assumidos pela fé no Antigo Testamento. Como por exemplo a imagem do sábio: prudente, honesto, temente a Deus, muito seguro do saber sair-se bem na vida e de ter condições para alcançar as aspirações humanas (Pv 9,7-12; Sl 1).

Por outro lado, a doutrina da retribuição determinou muitos aspetos da vida prática em Israel. Esta doutrina postula que Deus recompensa neste mundo o bem com o bem e o mal com o mal. Deus é justo e não divide indiscriminadamente felicidade e infelicidade, mas abençoa o piedoso e pune o ímpio. Cada qual colhe aquilo que semeou (Pv 30,10; Jó 4,7-11). Desta concepção surge uma questão fundamental: como explicar que pessoas piedosas e boas sofram o mal? Não seria possível desfortúnio sem culpa e culpa sem desfortúnio?

1.6. O conflito suscitado pelo Qohélet

Como é possível levar a sabedoria ao êxito protegendo-a de todos os perigos?

O Qohélet contesta a atitude da sabedoria teológica que pretendeu abarcar e dominar toda a existência humana com um sistema. Ele conhece a tradição sacerdotal e ao mesmo tempo assume a mensagem dos profetas em relação à nulidade do ser humano diante da grandeza de Deus.

O sábio falou e discursou sobre tudo, mas não conseguiu o vivo encontro com Deus como os profetas. Assim, o Qohélet duvida da sabedoria. Julga a atitude de satisfação de se possuir a sabedoria como tal como insatisfatória e insensata.

Ele afirma que não há nada de único, duradouro e definitivo. Tudo continua a existir na regularidade do tempo e da existência que vêem de Deus (Ecl 3,14-15).

1.7. O caminho aberto por Jó

Em Jó, o ser humano reconhece a sua situação sem saída. Mas, por trás de tudo está presente o Senhor do universo que continuamente lhe retira todas as seguranças e o faz reconhecê-lo como seu único Senhor. A existência autônoma se desmorona. E, neste momento, se vive a experiência de Deus.

Jó lança-se sem hesitação, não escutando os seus companheiros, na busca das raízes da questão da existência: bem e mal, alegria e sofrimento, felicidade e infelicidade, justiça e impiedade (Jó 31,35-40).

2. A LITERATURA SAPIENCIAL

A literatura sapiencial não nasceu em Israel. Ela pode ser considerada uma articulação da arte universal da poesia com a fé no Deus único.

As coleções de sentenças sobre a vida diária, sobre família, trabalho e valores morais são a base da Literatura Sapiencial no Antigo Oriente.

No Egito, a literatura sapiencial foi considerada a descrição da ordem do mundo. Ela é examinada e estudada para moldar a vida dos sábios e de seus discípulos.

Na Mesopotâmia, as coleções de provérbios trazem uma reflexão humana sobre as mais diversas situações da vida. As máximas e exortações apresentam um cunho mais religioso.

Em Israel, a partir de Salomão se passa a cultivar a poesia. Pouco a pouco, Israel vai traduzindo a sua fé em linguagem sapiencial.

Para esta construção não contribuíram apenas razões meramente antropológicas e racionais, mas sobretudo a fé do povo de Israel.

2.1. As questões fundamentais da Literatura Sapiencial

Esta literatura articula os temas do quotidiano marcados pela fé. Daí, os temas como: o *Temor de Deus* (Pv 1,7); leitura da realidade e da vida do homem e da mulher na ótica do Deus da misericórdia (Pv 31,10-31); o problema da morte enquanto necessidade de se enraizar a vida em fundamentos cuja base seja Deus (Sb 3,1-12); a questão do sofrimento e dos absurdos da vida, enquanto necessidade de compreendê-los e descobrir sua significação mais profunda (Jó 27,1-23); o caminho da aprendizagem verdadeira para o homem, que é a questão antropológica e teológica básica da sabedoria (Pv 23,15-28).

2.2. O Livro dos Provérbios

Ele é fruto de um longo processo, começado desde os tempos de Salomão. Pode ter recebido sua forma final no sec. V aC. Ele representa cinco séculos de literatura sapiencial em Israel. Constitui uma autêntica antologia sapiencial de Israel.

Os provérbios dividem o mundo entre duas categorias bem distintas de pessoas: sábios e insensatos, com uma categoria intermediária de descompromissados, simples e inexperientes. Mesmo o homem de cultura, se não aprender o verdadeiro sentido da vida, pode ser um insensato.

As máximas deste livro versam sobre a conduta correta. Urge a autodisciplina: sobriedade no comer e controle da língua Envereda-se pela ordem moral ocupando-se dos negócios, da finalidade da vida conjugal, da imparcialidade no juízo e do mérito de quem dá esmolas.

Acredita que para ter sabedoria não basta a observação, mas é necessário fé e o temor no Senhor (Pv 15,33). Deus e a religião são valores imprescindíveis

para se conquistar a sabedoria (Pv 1,7; 9,10). Deus é o mistério que dirige o homem, mistério do qual ele depende totalmente. O homem tudo faz em conseqüência e por disposição de Deus mesmo, não de um modo mecânico e mágico, mas na perspectiva da liberdade e da responsabilidade.

2.3. O livro de Jó

O livro pertence ao estágio em que a idéia da retribuição individual nesta vida ia palpavelmente de encontro a dificuldades práticas insolúveis. Isto era agravado pela pouca noção que o judeu tinha de uma outra vida.

O Xeol era um lugar onde todos os mortos ficavam e eram iguais. Por isso, era comum no Antigo Testamento pensar-se que a retribuição do bem e do mal se desse a nível de sanções temporais. Somente na metade do século II aC é que aparece a doutrina da retribuição depois da morte (Dn 12,2).

Jó é paciente, mas profundamente questionador. Ele sofre e sabe ser inocente. Isto questiona a posição tradicional. Os amigos de Jó o atacam e defendem a ortodoxia e dizem: "Se um homem sofre é porque é um pecador". Na opinião dos amigos de Jó, ele só tem uma saída, convencer-se de seu pecado. Mas isto Jó não aceita.

Coloca em dúvida a justiça de Deus. Caminha na busca dos fundamentos da vida humana. Desafia seu próprio sofrimento. Seu grande anseio é o de encontrar-se com Deus cara a cara. Mas é vencido pela grandeza e maravilha de Deus e constrói a sua própria profissão de fé.

O problema permanece porque Jó não tem conhecimento da retribuição depois da morte. Na prática, ele aceita Deus como Deus é e não questiona os seus insondáveis desígnios. É um homem de fé conduzido por um Deus cujos caminhos não se conhecem, mas que, ao se deixar conduzir na paciência, recobra a paz.

2.4. O livro do Eclesiástico

Ben Sirac, escrevendo por volta de 180 aC, não se preocupa com as questões precedentes. Expõe a doutrina tradicional de modo calmo e concreto. Seu objetivo é o de ensinar a piedade e a moralidade. Assim, seu livro é um testemunho da visão moral e da doutrina do judaísmo pouco antes da era dos Macabeus.

A espiritualidade apresentada se baseia na fé no Deus da Aliança. Uma fé que se mostra na participação ao culto e na prática da justiça e da misericórdia para com o próximo. Convida todas as pessoas a serem humildes e bondosas para com os pobres, dando muitas esmolas.

Denuncia o orgulho, os pecados da língua, o adultério, a inveja e a preguiça. Adverte sempre sobre os deveres familiares. Toda a sua doutrina se inspira na religião e no serviço a Deus.

O autor se mostra um grande conhecedor do Pentateuco. Cria um desenvolvimento literário em seu livro semelhante ao Gênesis, começando com a criação do mundo e terminando com os 12 patriarcas e as 12 tribos de Israel.

Reescreve a vida dos grandes personagens da história de Israel e faz deles grandes sábios apaixonados pela sabedoria e por ela conduzidos pelos caminhos da santidade. Os sacerdotes recebem especial destaque, de modo particular Aarão e Finéias.

As idéias de vida após a morte dão a sua obra uma tonalidade completamente nova. Para ele haverá um juiz e um julgamento.

2.5. O livro da Sabedoria

Este livro surge no contexto da busca de casamento entre as raízes judaicas e a cultura helenista. O livro mantém-se totalmente fiel à fé israelita, mas conhece e usa conceitos da filosofia grega.

No livro da Sabedoria, o homem é constituído por dois elementos: corpo e alma (Sb 1,4; 8,19-20). Esta mentalidade já se afasta da antropologia bíblica que considera o homem como um todo orgânico.

O livro usa indistintamente alma, espírito e mente para indicar o sopro vital infundido por Deus em todo ser vivente. A alma é o princípio de toda atividade humana (Sb 15,11). Nela estão as qualidades morais e religiosas do ser humano.

O Corpo não é prisão da alma. Ele tem sua bondade natural. No entanto a alma tem preeminência sobre o corpo porque é incorruptível e imortal, ao passo que o corpo fenece e morre.

Para o autor do livro da Sabedoria, a imortalidade é um prolongamento da comunhão que a sabedoria já começa a estabelecer dentro da história. A observância dos mandamentos sustenta e garante a incorruptibilidade.

3. CONCLUSÃO

A Sabedoria em Israel apresenta algo de novo em relação à sabedoria do Oriente Antigo graças à fusão de muitas tradições que se corrigiram, se auto-influenciaram, se ampliaram e formaram uma unidade literária de muita importância.

Esta unidade traz de um lado a busca de segurança do homem pelo saber e de outro lado a pronta obediência ao Deus da Aliança. Esta síntese amplia o humanismo do Antigo Testamento e se torna uma das principais características da sua espiritualidade.

A Literatura Sapiencial na Bíblia constitui uma grande obra de inculturação. Israel, aberto ao diálogo com outras culturas, sobretudo com o helenismo, se esforça para fazer sua fé e suas tradições compreensíveis aos outros. Sem, no entanto, cair no sincretismo estéril e descaracterizado.

Finalmente, o caráter popular e concreto dos Sapienciais garante uma divulgação muito grande das suas idéias. Estes livros vão cunhar a experiência da fé de todo o judaísmo e serão a base da espiritualidade cristã.

Walmor Oliveira de Azevedo
Av. Rio Branco, 4516
36026-500 Juiz de Fora, MG

BIBLIOGRAFIA

1. VV.AA. *As raízes da Sabedoria.* Cadernos Bíblicos 28. Paulinas, São Paulo, 1983.
2. GABEL, J.B. e WHEELER, C.B. *A Bíblia como Literatura.* Edições Loyola, São Paulo, 1993.
3. GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica.* Paulinas, São Paulo, 1988.
4. ZIENER, G. A Sabedoria do Oriente Antigo como ciência da vida. Nova compreensão e crítica de Israel à Sabedoria. In: *Palavra e Mensagem*, p. 363-381. Paulinas, São Paulo, 1978.